



O Uso da Internet no Brasil sob a Ótica das Literacias Digitais (LDs): novas competências dos atores em rede¹²

Beatrice Bonami Rosa³

Alan Queiroz da Costa⁴

Universidade de São Paulo

RESUMO

Este artigo trata dos avanços da Internet no Brasil e as mudanças no comportamento da população conectada. Para tanto, a pesquisa vale-se de dados coletados em bases de reconhecimento internacional e nacional: *Internet World Stats* e Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS). A contextualização das Literacias Digitais (LDs) contempla a produção de diversos autores que se dedicam a temas do contemporâneo e suas novas mídias. Essa abordagem contempla as LDs como o conjunto de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) associadas ao uso da *WEB*. O artigo suscita o debate sobre a promoção do acesso à informação e ao conhecimento e sugere a reflexão sobre os fenômenos relacionados à apropriação das ferramentas e linguagens com a participação do indivíduo no ambiente digital.

PALAVRAS-CHAVE:

Cibercultura; Literacias Digitais; Atores em Rede; Internet; Inteligência Coletiva.

Introdução

A vida cotidiana hiperconectada se estabelece em espaços midiáticos não lineares com infinitas possibilidades de conexões. O ambiente, que condiciona a multiplicidade do sujeito inserido nesse contexto, configura e exige um novo conjunto, integrado e articulado, de competências e habilidades. Tal conjunto, no eterno devir do desenvolvimento, leva consigo novas maneiras de produção de conhecimento, aquisição e distribuição de informação, além de outras ações que auxiliam na compreensão do termo “literacias digitais”, ao qual se dedica esse artigo.

A dificuldade em definir Literacia Digital (LD) abre as portas para a abrangência que o termo carrega. Não só o ambiente digital está envolvido, mas as conexões estabelecidas com diversos contextos e atores. Criam-se, assim, relações, habilidades, experiências,

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Orientadora: Doutora Brasilina Passarelli, Professora Titular do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA – USP e Coordenadora Científica da Escola do Futuro da USP

³ Mestranda do PPGCOM da ECA – USP e Pesquisadora Associada da Escola do Futuro – USP, e-mail: beatrice.bonamirosa@gmail.com

⁴ Doutorando do PPGCOM da ECA – USP, Pesquisador Associado da Escola do Futuro – USP e do Grupo Temático de Trabalho “Comunicação e Mídia” do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) filiada à SBPC, e-mail: alanqcosta@gmail.com



convergências e inteligências, as quais são estudadas e discutidas por importantes estudiosos em seu aspecto coletivo, já que o ambiente conectado exige que atores se relacionem de maneira associada e colaborativa.

O acesso à Internet no Brasil e no mundo passou, e ainda passa, por transformações tanto em relação à acessibilidade como em seu reflexo na sociedade. Novas políticas públicas e programas, ampliando a conectividade, são elaborados e implantados possibilitando a criação de novos negócios, potencializando a comunicação, mobilidade e tantas outras atividades. Os resultados dos avanços em acessibilidade nos países são diferentes, mas com características similares. Enquanto países desenvolvidos demonstram maturidade no fornecimento de acesso à Internet, os países em desenvolvimento correm atrás de modelos bem sucedidos para tentar diminuir a distância entre a necessidade de oferecer serviços de qualidade e a importância que o contato com a *WEB* tem para a vida cotidiana.

Preocupado em entender essas relações, buscando caracterizar e compreender o que significam as LDs em meio a todo esse contexto, é que o Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP) de Novas Tecnologias Aplicadas à Educação - Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, formado por um grupo de estudantes e pesquisadores, desenvolvem seus estudos de pesquisas teórico-metodológicas sobre habilidades, competências dos atores em rede. O caminho é novo e instigante e as abordagens trazidas pelo presente artigo colaboram com aprofundamentos a respeito dessa temática.

Cibercultura e Inteligência coletiva: novas relações na sociedade em rede

Para entender como funcionam as novas relações que compreendem a sociedade atual, recorre-se ao conceito de cibercultura. Para defini-la é necessário identificar que foi produzida no espaço contemporâneo e não possui nem centro nem diretrizes, é vazia, sem conteúdo particular, mas aceita todos os indivíduos e sujeitos ao mesmo tempo, pois cada novo nó da rede pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações.

Para Lévy (1997), a cibercultura que emana do ciberespaço, surge a partir da desconexão de operadores sociais (máquinas abstratas): a universalidade e a totalização. Esses dois conceitos surgiram acoplados na invenção da escrita, pois a escrita não determina automaticamente o universal, também o condiciona. Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas num banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas, do qual o ciberespaço surge progressivamente. O ciberespaço é, assim,



fruto de um verdadeiro movimento social, onde existem dois princípios orientadores: as comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

As comunidades virtuais se configuram principalmente como comunidades de aprendizagem na *WEB*, designando-se também pelo ensino à distância (EaD). A necessidade de conhecer e de aprender, com o menor custo possível, leva instituições e empresas a reorganizarem-se para permitir o ensino on-line. Quanto às mídias sociais, elas estão cada vez mais na rotina dos cidadãos, pois as plataformas de comunicação têm evoluído de tal forma, que se passou de uma configuração linear para a hipermidiática. Assim, a cibercultura como um todo tange o conceito de inteligência coletiva de Lévy (2007), mas também elaborado e discutido por Jenkins (2008) e Kerkhove (2009).

A inteligência coletiva descreve um tipo de inteligência compartilhada que surge da colaboração de muitos indivíduos em suas diversidades. É uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa. O termo aparece na sócio-biologia, na ciência política e em contextos específicos como dinâmicas de revisão paritária e aplicações de *crowdsourcing*. Essa definição mais ampla envolve processos como formação de consenso e capitais social, intelectual e humano.

Encarada como uma propriedade emergente entre as pessoas e as formas de processamento de informações, a inteligência coletiva é definida por Lévy como:

Uma forma de inteligência distribuída, constantemente reforçada, coordenada em tempo real, que resultou na mobilização efetiva das competências. A característica indispensável para esta definição é a base e o objetivo da inteligência coletiva: o reconhecimento mútuo e de enriquecimento de indivíduos (LÉVY, 2007, p. 47).

De acordo com os pesquisadores Lévy (2007) e Kerckhove (2009), o termo refere-se à capacidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de melhorar a construção coletiva do conhecimento social, simultaneamente ampliando a extensão das interações humanas. Tal conceito contribui fortemente para a mudança de conhecimento e poder do indivíduo para o coletivo.

Enquanto isso, o teórico da mídia Henry Jenkins (2008) aborda o conceito de inteligência coletiva, na perspectiva de que cada espectador constrói a sua própria mitologia a partir de fragmentos dispersos disponibilizados nos meios de comunicação. O conceito é visto por Jenkins como uma “fonte interativa de poder da mídia” que está intimamente relacionado à cultura da convergência. Tanto ele quanto Pierre Lévy apoiaram a alegação de que a inteligência coletiva é importante para o processo de democratização, uma vez que está



interligada com a cultura baseada no conhecimento, que é sustentada pela partilha de ideias coletivas, contribuindo, portanto, para uma melhor compreensão da sociedade diversificada entre os diferentes atores.

Assim, é possível afirmar que, junto à convergência dos vários meios de comunicação, há uma mudança cultural. Sendo assim, o processo de convergência é complexo e em constante mutação, uma vez que depende da relação da tecnologia com a cultura. A tecnologia assume assim um papel secundário, sendo que a mudança cultural é que ditará os seus conteúdos. Por trás das decisões de conteúdo estão os conhecimentos individuais e hoje, as pessoas detentoras desses conhecimentos aparecem como micro-hits⁵ que abastecem de maneira volumosa as novas formulações do conteúdo disponíveis na *WEB 2.0*.

Todo esse parâmetro da cibercultura associada à inteligência coletiva, contando com pessoas anônimas e as ferramentas de produção livre na Internet, configuram uma sociedade conectada com novas funções e competências específicas do contemporâneo conectado.

Tal alegação pode ser constatada pelo Manifesto *ClueTrain*⁶, importante publicação a respeito do impacto da revolução da informação na comunicação organizacional nos mercados recém conectados. O livro apresenta uma compilação de 95 teses sobre a nova realidade do mercado afirmando ser possível que as pessoas tenham uma comunicação individual mais humana com o potencial de transformar radicalmente as práticas de negócios tradicionais superando o ultrapassado pensamento do século 20 sobre os negócios. O manifesto alerta que que uma poderosa conversação global começou. Através da Internet, as pessoas estão descobrindo e inventando novas maneiras de compartilhar conhecimentos relevantes com velocidade estonteante.

Esse fenômeno é visível e palpável por meio das mídias sociais, que caracterizaram o maior crescimento da história dos meios de comunicação e acompanharam o desenvolvimento da cultura jovem, bem como políticas públicas que incentivam a

⁵ Termo usado por Chris Anderson em seu livro *The Long Tail* (traduzido no Brasil como *Cauda Longa*: Editora Campus, 2006) em que estabelece que o sujeito conectado aparece como micro-hit na *WEB*, assim como todos os dados disponíveis na rede. O autor formula que as novas mídias enfrentam um grande volume de micro-hits, o que interfere nas relações comerciais de certos produtos, como músicas e filmes.

⁶ O Manifesto *ClueTrain* (ou “*Trem das Evidências*”) é uma importante publicação escrita em 1999 por Rick Levine (engenheiro da Sun Microsystems), Christopher Locke (consultor), Doc Searls (famoso publicitário do Vale do Silício) e David Weinberger (comentarista de tecnologia) a respeito do impacto da revolução da informação na comunicação organizacional nos mercados recém conectados. Para maiores informações, a publicação está disponível na íntegra em <http://www.cluetrain.com/portuguese/>



manifestação individual. No livro *Comunicação móvel e sociedade: uma perspectiva global* (CASTELLS, 2009) foi verificada uma expansão sem precedentes da comunicação digital, tendo como objeto de observação a adoção dessa tecnologia no *background* de diferentes economias, políticas, e novas lógicas de se pensar os impactos sociais e culturais.

Segundo Castells (2009), no futuro tudo estará em plataformas tecnológicas e conectado em uma sociedade em rede. Isso é previsível, pois diante de um percentual de quase 50% da população mundial conectada, como citado pelo autor, numa sociedade de consumo excessivo, a necessidade de mobilidade e visibilidade é cada vez maior.

O ensino e a propagação do conhecimento passam a ser vistos de novas maneiras, como um processo e não um produto acabado, pois “o mundo globalizado, caracterizado por intensos fluxos de capitais, produtos e informações, passa a exigir de seus cidadãos novas competências” (PASSARELLI, 2007, p. 40).

Por meio de ambientes *on-line* é possível projetar e incentivar novas possibilidades para o processo de ensino/aprendizagem. Essa poderosa ferramenta de construção realça “um vínculo natural entre a ação – incluindo a ação psíquica– e os contextos culturais institucionais e históricos onde esta ação se verifica”(PASSARELLI. AZEVEDO, 2010, p. 32). Ainda, a ação mediada (conceito derivado da década de 1920, fruto das teorias de Vygotsky) realça a “importância de apropriação de grande variedade de instrumentos culturais [...] no desenvolvimento da identidade individual, mediante relações sociais que o indivíduo mantém e aprofunda” (Ibid., p. 33).

Em ambientes virtuais essa relação tradicional entre o indivíduo e os instrumentos mediadores se altera. Indivíduos e objetos são ativos em uma relação de simbiose, de reciprocidade e de mediação, portanto, ativos em seu contexto, sendo a mediação mais uma atividade compartilhada. O sujeito se torna um ator nesses ambientes, um ator em rede, uma vez que a rede se define como “um conjunto de atores (nós) interligados. O que um nó pode ser, depende do tipo de redes a que ele [...] se inter-relaciona com um fim específico caracterizado pela existência de fluxos de informação” (Ibid., p. 35).

Por isso, as comunidades são construídas “por meio de comunicação, negociação e pela partilha de significados em espaços virtuais por sentimentos de pertencimento, reciprocidade e identidade” (Ibid., p. 36).



O uso da WEB: Emergência das Literacias Digitais

Como apresentado anteriormente, as novas tecnologias de informação trouxeram novos canais, novos fluxos de capitais e a queda da hierarquia entre produtores e consumidores alternando a paisagem existente no campo das comunicações. Nasce assim um novo organismo global, com lógicas adversas e não lineares, um alto volume e fluxo de informações que correspondem a cada ator em rede conectado. Contudo, não é a quantidade de informação nem mesmo sua distribuição que faz o cérebro humano, mas sim a interconectividade, ou seja, a associação de novas práticas, a novas informações e a novas habilidades.

Derivada do latim “*digitalis*” (relativo a dedo) a palavra “digital” se refere aos dados em forma de dígitos binários, os quais são usados para definir indícios de comunicação digital. O acesso a esses códigos pelas TICs exige novas competências associadas ao uso dos meios digitais para lidar com novas realidades como navegar na Internet. Segundo Capobianco (2010) a definição de Literacia Digital (LD) é de difícil precisão e, por esse motivo, leva à expansão do termo, a fim de caracterizar processos no ambiente da comunicação digital e no contexto da sociedade em rede.

Paul Gilster, autor que cunhou o termo em 1997 em seu livro “Digital Literacy”, utilizou o conceito para designar “a habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores” (GILSTER, 1997, p.1).

O termo não se esgota na aquisição de habilidades, mas expande-se para as formas do cotidiano dos sujeitos. Segundo Passarelli (2010), essa extensão lógica da própria literacia é diretamente proporcional à extensão da experiência da leitura tradicional. Ainda, segundo Junqueira e Passarelli (2011) o conceito criado por Gilster se incorporou gradativamente ao rápido desenvolvimento da Internet e das mídias digitais em convergência com as mídias tradicionais. Tal rápido avanço expandiu o termo para sua configuração no plural: literacias digitais.

A Proclamação de Alexandria de 2005, promovida pela *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) descreve a literacia em mídia, em informação e em aprendizagem ao longo da vida como os:

Faróis da Sociedade da Informação, iluminando os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e o letramento libertário. Capacita as



peças em todas as esferas da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma eficaz para atingir seus objetivos pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações. (FARÓIS DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO - 2005, p. 5)⁷

Segundo o órgão mundial, as LDs (ou alfabetização informacional) permitem que as pessoas interpretem e julguem a informação como usuários ativos e, ao mesmo tempo, fontes de conhecimento e conteúdo, bem como para se tornar produtores de informação em seu próprio direito. Em um mundo digital, as LDs exigem que os usuários tenham as habilidades para usar as tecnologias de informação e comunicação e suas aplicações para acessar, criar e projetar conhecimento. Por exemplo, a capacidade de navegar no ciberespaço e negociar documentos multimídia (como o hipertexto) requer tanto as habilidades técnicas para usar a Internet, quanto às habilidades de alfabetização para interpretar as informações.

Portanto, o empoderamento das pessoas através de mídia e informação é um pré-requisito importante para a promoção do acesso equitativo à informação, e ao conhecimento e ao fomento à liberdade, independência e autonomia nos meios de comunicação e sistemas de informação pluralistas. A convergência midiática é, portanto, mais que um avanço tecnológico, sendo assim uma nova “relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (PASSARELLI, 2010, p. 67).

A pesquisa sobre Literacias Digitais na Escola do Futuro / USP

Muitos autores se dedicam à escrever, caracterizar e compreender as LDs ampliando as definições, leituras e a compreensões dos significado do texto escrito:

Você não precisa só adquirir as habilidades de encontrar coisas, precisa também adquirir as habilidades de usar estas coisas em sua vida [...] os recursos da Internet são fundamentais tanto para o ensino-aprendizagem quanto para o auto-aprimoramento das competências pessoais. (PASSARELLI, 2007, p. 85)

Nesse contexto de estudos de fenômenos digitais sobre o contemporâneo conectado, o Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP) de Novas Tecnologias Aplicadas à Educação - Escola do Futuro da Universidade de São Paulo⁸ congrega um grupo de pesquisadores atentos aos

⁷ FARÓIS da Sociedade de Informação. Versão em português do documento Beacons of the Information Society, Alexandria, 2005. Para mais informações, acesse: <http://www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>.

⁸ O Núcleo de Apoio à Pesquisa Escola do Futuro/USP inaugurou suas atividades em 1989, sob a coordenação científica do Prof. Titular Fredric M. Litto, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Em setembro de 2006 a coordenação científica do NAP Escola do Futuro/USP passou a ser exercida pela Prof. Titular



desafios e perspectivas colocados pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) desenvolvendo estudos e pesquisas nesse âmbito e seus impactos nas áreas de Comunicação, Educação e Informação.

Com o desenvolvimento da cibercultura no Brasil e o aprofundamento dos estudos da sociedade em rede, em 2007 criou-se o Observatório da Cultura Digital, como locus de estudo de pesquisas teórico-metodológicas a respeito das diferentes habilidades e competências das novas formas de produção e hibridizações na fronteira cultural pelos atores em rede.

Nas palavras de Brasilina Passarelli:

O Observatório da Cultura Digital concentra-se no desenvolvimento de estudos teórico-epistemológicos sobre a sociedade em rede, bem como em pesquisas destinadas tanto a observar e descrever etnograficamente as conexões que estruturam a rede, quanto a analisar seus flexíveis eixos sociais, técnicos e sócio técnicos, refutando uma noção determinista, e instaurando uma etnografia virtual. (PASSARELLI, 2010, p. 70)

O pesquisador associado do Observatório da Cultura Digital, Hélio Junqueira (2014), alega que o escopo de seus projetos de pesquisas é permanentemente pautado pela busca da inovação no uso das TICs, tanto nas suas interfaces com a educação formal e não-formal, quanto na implementação de ações voltadas à construção da cidadania e protagonismo digital.

No âmbito das pesquisas direcionadas às LDs realizadas pela Escola do Futuro/USP, o termo literacia tem sido empregado, segundo aponta Junqueira (2014), como uma tradução literal da palavra inglesa *literacy*, considerando sua capacidade de melhor compreensão e abrangência conceitual a respeito desse novo conjunto de habilidades. Assim, sua adoção sobrepõe “possibilidades tais como letramento, habilidade ou competência” (JUNQUEIRA, 2014, p. 36). O conjunto de literacias digitais ligadas ao campo digital configura “a construção de sentidos, viabilizando o aprendizado e o raciocínio independentes e autônomos” (SINGH *apud* JUNQUEIRA, p. 37).

Superando o conceito do termo atrelado ao letramento– ligado ao universo do ensino e aprendizado – “as literacias são compreendidas como um processo contínuo e em permanente evolução em que a capacidade de se comunicar, interagir e selecionar

Brasilina Passarelli, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, também da ECA/USP. A atual gestão privilegia o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a sociedade do conhecimento e seus impactos nas áreas da Comunicação, Educação e Informação para iluminar os novos contornos da “sociedade em rede”. Para mais informações, acesse: <http://futuro.usp.br/>



utilizando as TICs torna-se a base da sociedade em rede” (PASSARELLI, JUNQUEIRA, ANGELUCI, 2014, p.163). Atualmente os atores em rede necessitam de “uma série de habilidades para interagir e selecionar, de forma multimídia, o conteúdo que é produzido e consumido nas telas contemporâneas - TV, games, computador com Internet e tecnologias móveis (celulares e *tablets*)” (Ibid, p. 163)

Esse hibridismo contemporâneo e as LDs se estabelecem como terreno fértil de elementos que compõem a teia de relações entre homem e TICs. A aquisição, desenvolvimento, uso e apropriação de categorias de LDs são potencialmente capazes de influenciar a mudança de atitudes, comportamentos e produção de novas narrativas e sentidos por parte dos sujeitos pesquisados. Isso altera o cotidiano, relações comunitárias, políticas e cidadãs, conferindo-lhe maior protagonismo, autonomia crítica, criativa e participativa.

A presença da relevância das TICs na mediação da vida cotidiana atual compõe a realidade demonstrada. Ela é seguramente comprovada, por diversos indicadores nacionais e internacionais, a respeito da magnitude dos níveis de posse, tais como o acesso e uso dos computadores e conexões à Internet ao redor do mundo.

Amplas ofertas e possibilidades de acesso às TICs geram oportunidades de transformação de interações dos indivíduos com suas próprias subjetividades e expressividades. Isso gera “novas perspectivas para os relacionamentos sociais e participação cidadã o que impacta profundamente os modos de acessar, construir e aprender conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo” (JUNQUEIRA, 2014, p.29). Portanto, desvendar o estado da arte do conhecimento, manuseio e apropriação das TICs para medir e avaliar seus impactos, tornou-se necessário no processo de construção e desenvolvimento da sociedade da informação e do conhecimento.

Além disso, o conceito de LDs implica no uso efetivo e criativo da informação no ambiente multimídia, e quando aplicado ao campo informacional, é pensado como um processo vivido pelo sujeito, nas suas interações com a tecnologia de maneira consciente, mediado pelas interações hiper-midiáticas que o contemporâneo conectado proporciona. O desenvolvimento permanente das LDs é revestido sob uma perspectiva emancipadora, em que torna o sujeito autônomo e potencialmente capaz e criativo no contemporâneo conectado.



O acesso à Internet no Brasil e no mundo

Segundo a Pesquisa *World Internet Usage and Population Statics of 2014* (Uso da Internet no Mundo e Estatísticas Populacionais em Âmbito Mundial)⁹, é possível identificar que o uso da Internet tem se disseminado em todo o mundo. Os dados referentes às estatísticas populacionais em âmbito mundial, apontam que há uma diferença considerável no grau de penetração da tecnologia entre as regiões do mundo. A taxa de penetração do uso da Internet é mais expressiva na América do Norte (87,7%), seguida pela Oceania e Austrália (72,9%), Europa (70,5%), América Latina e Caribe (52,3%), Oriente Médio (48,3%), Ásia (34,7%) e África (26,5%). No entanto, de modo geral, observa-se o crescimento no número de usuários nos últimos 14 anos.

No ano de 2010 havia 360.985.492 usuários conectados em todo o mundo. Já em 2014 foram contabilizados 3.035.749.340, configurando um salto de 741% no número de usuários em rede. Em relação à penetração da tecnologia, 42,3% da população mundial estão conectadas. Em relação à conexão mundial, a Ásia concentra a maior porcentagem de usuários conectados (45,7%), seguida pela Europa (19,2%), América Latina (10,5%), América do Norte (10,2%), África (9,8%), Oriente Médio (3,7%), Oceania (0,9%). O aumento do número de usuários no mundo tem relação direta com a oferta de pontos de acesso à Internet, inicialmente fomentados pelos programas e políticas públicas voltados à infraestrutura de serviços de telecomunicações.

No Brasil não é diferente. Os programas de acessibilidade e políticas públicas para tal são responsáveis pela ampliação dessa oferta, aumentando o movimento iniciado com as *LAN Houses*¹⁰ que se espalharam pelo país no início dos anos 2000. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2008; SANTOS, 2008) apontou que, em 2008, 52% dos brasileiros utilizavam esse tipo de estabelecimento, seja para jogar algum tipo de jogo digital, para pesquisas na Internet ou mesmo para algum trabalho. Primordialmente as *LAN houses* eram lugares de encontro e socialização de jovens (em especial para atividades de lazer). Com o crescimento da renda média do trabalhador e o barateamento dos

⁹ *World Internet Usage and Population Statics of 2014*. Para mais informações, acesse: www.Internetworldstats.com/stats.htm.

¹⁰ *LAN* significa *Local Area Network*, ou seja, rede local de computadores, e é o estabelecimento no qual é oferecido o uso destes computadores ligados em rede para acesso à Internet e programas em geral, como os jogos eletrônicos e/ou soluções de escritórios.



equipamentos digitais como computadores, laptops, smartphones e, mais recentemente, os tablets, a maioria das *LAN houses* fechou as portas.

Atualmente, o número de usuários em rede na América Latina apresenta a seguinte distribuição:

TABELA 1
Usuários da Internet na América Latina - 2013Q4

Países	População (2014)	Número de Usuários 31 Dez 2013	% População (Penetração)	Usuários % por Região	Facebook 31 Dez 2012
Argentina	43.024.374	32.268.280	75,0%	10,9%	20.594.680
Bolívia	10.631.486	4.199.437	39,5%	1,4%	1.826.140
Brasil	202.656.788	109.773.650	54,2%	37,0%	64.878.260
Chile	17.363.894	11.546.990	66,5%	3,9%	9.648.660
Colômbia	46.245.297	28.475.560	61,6%	9,6%	17.505.920
Costa Rica	4.755.234	2.185.506	46,0%	0,7%	1.964.280
Cuba	11.047.251	2.840.248	25,7%	1,0%	n/a
República Dominicana	10.349.741	6.054.013	58,5%	2,0%	2.281.700
Equador	15.654.411	6.316.555	40,4%	2,1%	5.300.260
El Salvador	6.125.512	1.649.980	26,9%	0,6%	1.524.860
Guatemala	14.647.083	2.885.475	19,7%	1,0%	2.122.220
Honduras	8.598.561	1.530.543	17,8%	0,5%	1.233.020
México	120.286.655	52.276.580	43,5%	17,6%	40.150.340
Nicarágua	5.848.641	906.539	15,5%	0,3%	818.380
Panamá	3.608.431	1.548.016	42,9%	0,5%	1.039.840
Paraguai	6.703.860	2.473.724	36,9%	0,8%	1.290.500
Peru	30.147.935	11.817.991	39,2%	4,0%	9.856.600
Porto Rico	3.620.897	2.675.843	73,9%	0,9%	1.292.780
Uruguai	3.332.972	1.936.457	58,1%	0,7%	1.678.500
Venezuela	28.868.486	12.994.232	45,0%	4,4%	9.808.560
Total	593.517.509	296.355.619	49,9%	100,0%	195.355.500

FONTE: Internet World Stats. Disponível em: <http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>.



Nessa tabela podemos destacar os três países com maior índice de penetração da Internet: Argentina (75,0%), Porto Rico (73,9%) e Chile (66,5%). No Brasil a penetração da tecnologia e do acesso à Internet atingiu, em 2013, 54,2% da população. Possui 109.773.650 usuários em rede, o que representa 37% da conexão da América Latina. Desse modo, o país ocupa a primeira posição sendo o mais conectado do Continente, à frente do México (17,6%) e da Argentina (10,9%).

Para melhor compreender o cenário atual da Internet no Brasil parece relevante considerar dois eixos de investigação: domicílios com acesso à Internet e posse de computador no domicílio.

TABELA 2

Domicílios com acesso à Internet - Brasil e regiões

Possui acesso à Internet	Brasil	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Não	57,1%	55,8%	77,0%	69,1%	55,1%	46,4%
Sim	40,8%	40,7%	20,7%	29,2%	42,9%	51,5%
Não sabem/ Não responderam	2,1%	3,5%	2,3%	1,7%	2,0%	2,1%

FONTE: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. **Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)**. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140313_sips_telecomunicacoes.pdf

O percentual de domicílios que possuem acesso à Internet é de 40,8%, número que revela a realização de políticas de disseminação dos programas de inclusão digital no Brasil. A implantação da Internet no país em âmbito acadêmico, por exemplo, ocorreu em 1991, através da atuação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Com foco na oferta de Internet para a população, destaca-se o Acesso São Paulo¹¹ - programa de inclusão digital criado no ano 2000 pelo Governo do Estado de São Paulo, coordenado pela Secretaria Estadual de Governo, com gestão da Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo (Prodesp), por meio da Diretoria de Serviços ao Cidadão, e parceria da Escola do Futuro – USP para o desenvolvimento de uma série de atividades, tal como o Programa de Formação Continuada (promoção de

¹¹ Para maiores informações sobre o Acesso SP, acesse: <http://www.acessasp.sp.gov.br/sobre-o-acessasp/>.



ações presenciais e virtuais que possam contribuir para o uso cidadão da Internet e das novas tecnologias). Além de ser um dos programas governamentais de acessibilidade digital de maior durabilidade, em seus 14 anos de existência, foram realizados mais 79 milhões de atendimentos presenciais em 840 postos em funcionamento.

Em termos regionais, a tabela 2 revela que é expressivo o desnível do número de domicílios com acesso à Internet. A região Sudeste ocupa o primeiro lugar com mais da metade dos domicílios com acesso à Internet (51,5%). Na segunda posição estão as regiões Sul (42,9%) e Centro-Oeste (40,7%). As piores taxas encontram-se nas regiões Norte e Nordeste, com 20,7% e 29,2%, respectivamente. Embora inúmeros fatores contribuam com a desigualdade no acesso à Internet, os desníveis inter-regiões têm relação direta com o baixo nível de competição na oferta do serviço (OLIVEIRA, 2014). A desigualdade entre as regiões do Brasil também se faz presente na posse de computadores nos domicílios.

No geral, mais da metade da população brasileira (51,8%) possui computador em domicílio. A maior taxa de posse de computador é encontrada no Sudeste (54,6%), seguido do Sul (53,5%), Centro-Oeste (45,3%), Nordeste (39,6%) e Norte (35,3%). Os índices dos dois eixos de investigação: domicílios com acesso à Internet (tabela 2) e posse de computador no domicílio - se relacionam diretamente, pois apresentam uma proporção parecida em termos de avanços da Internet e desigualdade entre as regiões.

Os dados apresentados até o presente momento neste artigo contribuem para desenhar o cenário de introdução e desenvolvimento da Internet no Brasil e em relação à acessibilidade no mundo.

Considerações finais

Como apresentado neste artigo, a compreensão das habilidades e competências dos atores em rede como um fator de inclusão digital é um aspecto que exige uma compreensão ampliada da implantação das TICs. Isso é necessário pois amplia a comum visão restrita que tende a avaliar a Internet predominantemente pelo viés da infraestrutura e número de dispositivos ao invés de seu impacto/mudanças causadas nos usuários.

É sob esse enfoque mais abrangente que o texto analisa a implantação e os avanços da Internet no Brasil e no mundo, contemplando dados das pesquisas *World Internet Usage and Population Statics of 2014* e Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS). Os números apresentados revelam que, de modo geral, há variações no grau de penetração da



Internet no mundo, mas o Brasil se destaca em termos de América Latina como o país mais conectado do continente. Em âmbito nacional, o Sudeste e o Sul são as regiões com melhores índices de conexão e posse de Internet em domicílio.

Partindo destas pesquisas e das definições provenientes do pensamento e obras de autores seminais que corroboram com o desenho de um cenário mais abrangente das TICs, é possível observar que a disseminação, grau de penetração e conexão da Internet são fatores decisivos para seu uso. Isto é, os programas e políticas públicas de cada estado / região/país que visam garantir o acesso à Internet é o ponto de partida para observar as mudanças ocorridas no comportamento do internauta.

Identificar que conjunto de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) dos atores associadas ao uso da Internet configuram as LDs é fundamental para compreender as configurações da cibercultura, principalmente na perspectiva da produção do conhecimento e da inteligência coletiva.

Nesse sentido, as LDs não somente fazem parte do processo de aprendizado dos atores em rede como geram oportunidades de transformação de interações dos indivíduos com suas próprias subjetividades e expressividades. Assim, este estudo suscita o debate acerca da promoção do acesso à informação e ao conhecimento. Sugerimos que outras pesquisas possam utilizar-se da definição / contextualização das LDs, para contribuir com a reflexão sobre os fenômenos relacionados à apropriação das ferramentas e linguagens dos indivíduos no ambiente digital.

Referências Bibliográficas

CAPOBIANCO, Lígia. Abordagem multidisciplinar de literacia digital para pesquisa em comunicação. In: PASSARELLI, Brasilina e AZEVEDO, José (orgs.). **Atores em rede: olhares luso-brasileiros**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

CASTELLS, Manuel. FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia. QIU, Jack Linchuan. SEY, Ara. **Comunicação móvel e sociedade: uma perspectiva global**. Portugal: Editora Guibenkian, 2009.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da informação e comunicação – TIC2007**. Brasília: CGI.br, 2008. Disponível em: <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-da-informacao-e-da-comunicacao-no-brasil-2007/15> Acesso em: 06 de Abril de 2015.

KERCKHOVE, Derrick De. **A pele da cultura**. São Paulo: AnaBlume, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva: Para uma antropologia do ciberespaço**. 5ª edição ed. [S.l.]: Loyola, 2007.

GILSTER, Paul. **Digital Literacy**. San Francisco: 1997



HOWE, Jeff. **Crowdsourcing: o poder das multidões**. Editora Campus, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

OLIVEIRA, João Maria de. Sistemas de Indicadores de Percepção Social: serviços de telecomunicações. In.: IPEA. **SIPS: Sistemas de Indicadores de Percepção Social**. 2014. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140313_sips_](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140313_sips_telecomunicacoes.pdf)

telecomunicacoes.pdf. Acesso em 06 de Abril de 2015.

PASSARELLI, Brasilina; Silva, A. M. da; Ramos, F. (Orgs.). **e-Infocomunicação: estratégias e aplicações**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Hélio; ANGELUCCI, Alan. **Os nativos digitais e seus comportamentos diante das telas**. In: Revista Matrizes. Ano 8, n. 1. São Paulo: ECA/USP, janeiro/junho 2014. (p. 159 – 178)

PASSARELLI, Brasilina; ANGELUCCI, Alan. Interactive Generation Brazil Research: children and teenagers using computers, TV, games and mobile phones. Chapter 13. P. 284-302. In: Jamil, George Leal, Armando Malheiro and Fernanda Ribeiro. **Rethinking the Conceptual Base for New Practical Applications in Information Value and Quality**. IGI Global, 2014. 1-345. Disponível em: [http://www.igi-global.com/chapter/](http://www.igi-global.com/chapter/interactive-generation-brazilresearch/84223)

interactive-generation-brazilresearch/84223. Acesso em: 09 de Abril de 2015.

PASSARELLI, B. Literacias emergentes nas redes sociais: estado da arte e pesquisa qualitativa no Observatório da Cultura Digital. In: PASSARELLI, Brasilina e AZEVEDO, José (orgs.). **Atores em rede: olhares luso-brasileiros**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PASSARELLI, B. & JUNQUEIRA, A. H. **Gerações Interativas Brasil - crianças e adolescentes diante das telas**. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

PASSARELLI, B.. **Interfaces Digitais na Educação: @lucin[ações] consentidas**. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007.

SANTOS, Rogério Santana dos. **Pela primeira vez mais da metade da população já teve acesso ao computador**. São Paulo, 04 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.cgi.br/publicacao/pela-primeira-vez-mais-da-metade-da-populacao-ja-teve-acesso-ao-computador/>. Acesso em: 06 março 2015.